

Eu sou, como ele é: reflexões sobre os desafios e as potências do trabalho de campo realizado em “casa”¹

Cassio Oliveira dos Santos (PPGA/UFPE)²

Resumo: O fazer etnográfico demanda dos seus praticantes uma constante atenção acerca de método, autoria, ética, bem como, sobre o lugar da subjetividade e os limites nas relações estabelecidas entre o pesquisador e o objeto estudado. Nesse sentido, este trabalho busca abordar quais os desafios, dilemas e possíveis vantagens ou desvantagens que surgem no exercício do trabalho de campo, considerando a natureza dinâmica das interações entre o antropólogo e os sujeitos que compõem a questão investigada quando estes, compartilham de certa maneira uma mesma realidade, como por exemplo: ser homem (cisgênero), negro e periférico. Em outras palavras, quando estes comungam de aspectos da experiência de gênero que se processam dentro de uma lógica patriarcal, racista e capitalista. Tal reflexão de cunho metodológico emerge da minha pesquisa de doutorado recém iniciada que se preocupa em investigar a produção e performance da masculinidade de homens negros cisgêneros, residentes na periferia de Salvador- Bahia, sendo que eu, como eles são.

Palavras-chave: Práticas etnográficas; interseccionalidade; masculinidades

Prelúdio

O presente ensaio surgiu a partir de uma provocação feita pelo professor em uma das aulas do componente curricular Seminário Avançado em Metodologia na Universidade Federal de Pernambuco, o exercício proposto consistia em destacar, apresentar e problematizar para a turma um aspecto da sua metodologia de pesquisa.

O trabalho antropológico já é desafiador por si só, uma vez que se busca compreender as complexidades culturais, sociais e humanas. O trabalho do antropólogo

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 a 26 de julho de 2024 em Belo Horizonte-MG, Brasil.

² Mestre em Ciências Sociais pela UFBA e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

não envolve apenas a imersão em contextos sociais das mais variadas naturezas, mas também enfrenta desafios intrínsecos relacionados ao próprio objeto de pesquisa.

Tal ofício demanda uma constante reflexão sobre os métodos, ética, subjetividade e as relações estabelecidas entre o pesquisador e o objeto de estudo. Neste sentido, este texto pretende discutir os desafios inerentes ao fazer antropológico, considerando a natureza dinâmica das interações entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, sobretudo quando estes estão inseridos no mesmo contexto e compartilham vivências.

Entretanto, é importante ressaltar que tal compartilhamento de experiências da realidade que se processa dentro de estruturas sociais que demarca diferenças e privilegia ou oprime o sujeito, não assegura uma aproximação entre antropólogos e seus interlocutores. Chego a esse entendimento a partir das minhas experiências com trabalho de campo onde nos dois casos os interlocutores da pesquisa são como eu sou, ou seja, homens negros, cisgêneros, que vivem na periferia de Salvador, na Bahia.

Entradas no campo e dinâmicas de interação

Bacharel e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, a minha trajetória enquanto pesquisador se iniciou nos primeiros anos de graduação quando me tornei bolsista de iniciação científica, fiz parte de um grupo de pesquisa dedicado a estudos acerca das religiões afro-brasileiras, em especial, o candomblé.

Para além das leituras de etnografias e de discussões teóricas do escopo da antropologia da religião, as atividades do PIBIC englobavam idas ao terreiro sejam em dias de celebrações ou não.

Apesar de ter morado a maior parte de minha vida em Salvador e conviver cotidianamente com expressividades religiosas de matriz africana pela cidade, até aquele momento eu nunca havia entrado em um terreiro, tampouco, assistido a qualquer ritual religioso. Entretanto, era necessário a minha inserção para a realização do projeto.

Desta forma escolhi uma casa de axé para se tornar o meu campo de trabalho. A fim de cumprir uma certa etiqueta, entende-se que seja de bom tom que o antropólogo ou antropóloga ao se dirigir a um terreiro para realização de sua pesquisa, seja introduzido por algum membro daquela casa, sobretudo se o pesquisador não for adepto, como era o meu caso. Então, fui acompanhando uma filha de santo e

apresentado a liderança religiosa daquele local como o jovem estudante que queria conhecer o candomblé.

Desde aquele dia as dinâmicas de interação que se processaram entre mim e as filhas e filhos de santo da casa estavam sob essa perspectiva, eu era o menino que estuda candomblé e com isso alguns limites eram postos e se demarcavam uma fronteira: eu era de fora. Demonstravam interesse em me explicar o que estava acontecendo, bem como, ressaltavam as restrições impostas a uma pessoa não adepta da religião. Como se sabe, o candomblé é estruturado dentro de uma hierarquia iniciática, em que o tempo de iniciação está diretamente relacionado ao nível de conhecimento dos fundamentos religiosos e autoridade reconhecida dentro de um terreiro. Assim me percebi numa posição de aprendiz, o que talvez facilitou o meu trabalho de coletar dados.

Sendo eu um iniciante não somente na realização do trabalho de campo como também naquela lógica religiosa, permaneci durante os anos de pesquisa atento aos mínimos detalhes, treinando o olhar para o complexo, nada me era familiar e o estranhamento dos fenômenos já me era posto antes mesmo de qualquer tentativa de um exercício antropológico.

Essa interação desembocou na minha monografia de conclusão de curso e posteriormente na minha dissertação de mestrado. Contudo, após anos desenvolvendo pesquisa na área da antropologia da religião, o doutorado me levou para outros caminhos.

A primeira vista, estudar a produção e performance da masculinidade de homens negros pode parecer uma mudança radical do tema de investigação, porém o insight surgiu ainda no mestrado em meio a escrita da minha dissertação que versa sobre um culto afro-brasileiro onde apenas os homens podem se iniciar (Santos, 2020), ali coube uma pequena discussão sobre masculinidade e ambientes de sociabilidade masculina e não cabia aprofundar visto que fugiria dos objetivos de interesse da pesquisa. Foi então que decidi transformar aquela inspiração em um projeto de tese.

Emerge então a minha pesquisa de doutorado que se trata de uma investigação acerca da produção e prática da masculinidade de homens negros cisgêneros em situação de sociabilidade nas barbearias da periferia de Salvador-Ba e sendo eu um homem negro, morador periférico na capital baiana e frequentador de barbearias reflito, em que medida, nesse caso, é possível para o pesquisador perceber quais são as

potências e quais serão as desvantagens e desafios de se fazer um trabalho de campo em “casa”?

Considero importante destacar aqui um panorama de minha pesquisa onde as masculinidades são entendidas como práticas performadas nas interações sociais constituídas a partir da relação com outras estruturas sociais tais como a classe e a raça, por exemplo. Deste modo, assumo nesta investigação a postura de que para entender a experiência de gênero é necessário ir “constantemente mais além do próprio gênero” (Connell, 1997, p.38).

Além disso, raça e classe no Brasil e, conseqüentemente na realidade soteropolitana, são elementos indissociáveis. Os bairros periféricos de Salvador são habitados, majoritariamente, por pessoas negras, basta uma rápida incursão por qualquer uma destas áreas suburbanas para constatar tal fato mensurado pelos números do IBGE, por exemplo.

Dito isto, o interesse por essa empreitada se deu pelo reconhecimento da necessidade de trazer à tona experiências de masculinidades não hegemônicas que são produzidas e praticadas a partir de relações que se constituem na personalidade desses homens, nos seus corpos e na estrutura social. De igual modo, a pertinência deste trabalho se dá pela possível contribuição com o debate e o campo de pesquisa do tema, ajudando na construção de um horizonte teórico que poderá, como se pretende, ampliar a visão em torno da matéria, perspectivando a falsa noção de experiência universal, singular e abstrata da categoria masculinidade.

hooks (2022), em sua obra dedicada aos homens negros, e a masculinidade observa que mesmo que tais homens queiram performar os elementos da masculinidade hegemônica patriarcal estes não são estruturalmente proprietários deste capital e, portanto, não colhem os frutos desse projeto que também os aniquila.

A autora argumenta, então, que dentro do emaranhado do patriarcado, devidamente informado pelo racismo, pelo capitalismo e pelo colonialismo, a noção de masculinidade hegemônica patriarcal não serve aos homens negros. Pelo contrário, é ingrediente fundamental para a opressão, dominação e extermínio.

O patriarcado (sistema político modelador da cultura e da dominação masculina) em suas dimensões ética e estética de poder, aprofunda a posição do homem negro na conjugação de suas dinâmicas raciais, de classe e de gênero, especialmente em seu compromisso de negação de reconhecimento do homem negro como Homem (Fanon, 2008; Custódio, 2019).

Dito isto, é necessário salientar que a interseccionalidade é mobilizada nesta pesquisa uma vez que ela é uma conceituação que visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à simultânea interação estrutural entre o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado (Crewnshaw, 2002; Akotirene, 2019).

Ela trata especificamente dos meios pelos quais esses sistemas discriminatórios estabelecem desigualdades que atingem não somente as mulheres negras, mas também, os homens negros que não colhem todos os benefícios e privilégios que tais posições concedem à masculinidade hegemônica. Nos termos de hooks (2022), “quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero” p.33.

Arrisco em dizer que já estar inserido no mesmo contexto que os sujeitos pesquisados permite ao antropólogo conhecer de antemão alguns costumes, hábitos, etiquetas, convenções sociais, linguagens, valores morais o que aliado a uma formação antropológica e a reflexões teóricas pode proporcionar insights mais profundos e uma compreensão mais rica a respeito de determinados fenômenos.

Entretanto é preciso cuidado. É de suma importância que o antropólogo mantenha uma postura atenta e reflexiva, questionando suas próprias suposições, preconceitos e observações, bem como as dinâmicas culturais experienciadas. Isso envolve a habilidade de se afastar emocionalmente, sejam possíveis afetos ou relações mais íntimas (Velho, 2013), em alguns momentos para analisar de forma objetiva o que está sendo observado e vivenciado.

Caso contrário esse olhar de dentro e de perto poderá encobrir sutilezas que só o estranhamento e a desnaturalização das experiências familiares podem revelar.

Por esse motivo mobilizo o termo "cegueira doméstica" aqui para nomear uma possível propensão de nós antropólogos em negligenciar aspectos culturais ou sociais com os quais estamos muito familiarizados ou que são considerados "comuns" ou "normais" dentro de sua própria bolha.

Isso pode resultar em uma falta de atenção a certos detalhes ou práticas que são intrinsecamente importantes para a compreensão de certo elemento cultural ou grupo específico.

Ao realizar o trabalho de campo em contextos familiares ou muito próximos como é o meu caso, corre-se o risco de recair uma "cegueira doméstica". Isso pode acontecer quando um pesquisador se torna tão familiarizado com certos aspectos da cultura em que foi criado, suas próprias normas sociais ou comportamentos cotidianos,

que deixa de perceber a singularidade ou relevância de determinados elementos para o estudo antropológico.

Esse embaçamento da percepção pode limitar a capacidade de capturar a riqueza e a complexidade das práticas culturais em seu contexto original. Isso pode também subestimar a importância de certos rituais, normas sociais ou comportamentos por considerá-los banais ou triviais, enquanto, na verdade, esses elementos podem conter significados profundos e serem fundamentais para o estabelecimento de categorias analíticas e até mesmo para a compreensão do fenômeno estudado.

E a pergunta que emerge é, o que fazer para evitar essa cegueira doméstica? Certamente em primeiro lugar é preciso desnaturalizar as experiências em campo.

Para o antropólogo Gilberto Velho (2013), o processo de estranhar o familiar torna-se viável quando somos capazes de confrontar, tanto intelectual quanto emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes sobre fatos e situações. Ao estudar o que está próximo, sua própria sociedade, o antropólogo se expõe, em maior ou menor grau, a um confronto com outros especialistas, leigos e até mesmo representantes do universo investigado, que podem discordar de suas interpretações.

De qualquer forma, o familiar, com todas as necessárias relativizações, torna-se cada vez mais um objeto relevante de investigação para uma antropologia que busca entender a mudança social não apenas em grandes transformações históricas, mas também como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. O estudo do familiar oferece vantagens ao possibilitar a revisão e o enriquecimento dos resultados das pesquisas.

Devemos adotar uma postura analítica e pormenorizada em relação à sua própria cultura. Isso pode incluir questionar pressupostos subjacentes às suas próprias práticas e valores, desafiando sua própria perspectiva e reconhecendo a necessidade de se distanciar do que é considerado "normal" nesse contexto. Isso pode permitir uma análise mais assertiva e sensível das nuances culturais e sociais presentes no campo de estudo.

Além disso, pode-se buscar a orientação de colaboradores locais, membros da comunidade, colegas de pesquisa e o orientador para ajudar a identificar possíveis áreas de cegueira doméstica e obter uma compreensão mais completa e autêntica da pesquisa em curso.

Penso que reconhecer e mitigar a cegueira doméstica é fundamental para garantir que a pesquisa antropológica seja abrangente, sensível e culturalmente

informada, permitindo uma compreensão mais profunda e precisa das práticas e significados culturais dentro de uma determinada sociedade ou grupo.

Diante das complexidades inerentes ao fazer antropológico, especialmente quando o pesquisador está imerso no contexto de sua própria pesquisa, torna-se evidente a necessidade de enfrentar a "cegueira doméstica".

No âmbito da pesquisa sobre a produção e prática da masculinidade de homens negros cisgêneros nas barbearias da periferia de Salvador-Bahia, o pesquisador (eu), por compartilhar identidade e experiências com os sujeitos estudados, pode estar propenso a subestimar a singularidade de certos elementos culturais ou sociais, levando a interpretações limitadas ou superficiais.

Para minorar esses obstáculos que podem impedir de enxergar com mais clareza as complexidades dos fenômenos estudados, é fundamental adotar uma postura que questione suposições à primeira vista, desnaturalize experiências e reconheça a necessidade de distanciamento do que é considerado "normal". Esse afastamento permite uma análise mais objetiva das nuances culturais presentes no campo de estudo.

Assim, para concluir, evitar o que aqui chamei de cegueira doméstica é crucial para garantir que o trabalho científico seja complexo e objetivo dentro dos parâmetros antropológicos. O que possibilitará uma produção de fôlego das práticas e significados culturais dentro de uma determinada sociedade ou grupo, contribuindo para um conhecimento mais completo e enriquecedor das dinâmicas humanas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, 152p.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 20, p.185-206, dezembro 1995

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. V. 10, p.171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBOQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em jul. 2024.

CUSTÓDIO, Túlio. Per-vertido de homem negro: reflexões sobre masculinidade negras a partir de categorias de sujeição. In: RESTIER, H. & SOUZA, R. (org.) **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Continuo, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**/ Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: UDUFBA, 2008. 194.p

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade/ bell hooks; tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 272p.

SANTOS, O. Cassio. **Babá Egum**: culto e cuidado ancestral na Bahia. 2020. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2020.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho; [org. Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro]. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.